

**COMUNICAÇÃO, CULTURA E CONHECIMENTO ECOLÓGICO E AMBIENTAL
UMA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DE *CRACKING ART* ATRAVÉS DA INVASÃO
URBANA *BATTITO ANIMALE*, NA CALÁBRIA**

Liége Zamberlan¹

Resumo

Ecologia e Meio Ambiente são sementes conceituais que dão flores e frutos nos mais diferentes campos sociais. Na árvore da arte nasce *Cracking Art* com suas intervenções ou invasões urbanas que multiplicam os preceitos da reciclagem, aproximando uma prática globalmente consciente do espectro local. Com esse propósito, o grupo de Milão chega no sul da Itália e povoa o centro da cidade de Cosenza, na Calábria com *Battito Animale*. São os animais de *Cracking Art* portando a natureza para o asfalto. Com o objetivo de compreender como *Cracking Art*, via *Battito Animale*, é capaz de promover a comunicação ecológica e ambiental a fim da construção processual do Conhecimento e da Cultura nesse nicho, elencamos as categorias Comunicação, por Morin (2001) e as subcategorias Cor, por Farina (1990), Studium e Punctum, por Barthes (1984), além das categorias Cultura, por Barthes (1987) e Conhecimento, por Morin (1998), em consonância com a Semiologia barthesiana (1999) no âmbito da Pesquisa Qualitativa, por Bauer e Gaskell (2002).

Palavras-Chave: Comunicação. Conhecimento. Arte. Ecologia. Meio Ambiente.

Abstract

This paper examines the impact of experiential marketing on the happiness level of the participants of the visit to the Coca-Cola Happiness Factory in Porto Alegre. The data collection was based on the application, in three different moments, of the adapted Oxford Happiness Questionnaire and has analyzed the variations of the happiness level of 42 students from a private high school in Porto Alegre, who have visited the Happiness Factory. The first data collection occurred before the visit; the second one at the end of the visit and the third one right after the visit. The results reveal that the participants' average happiness level were higher on the first day of data collection. These results suggest that the action focused on the visit to the

¹ Jornalista graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre e Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Master in Fashion Stylist pela Polimoda - Firenze - Itália. E-mail: liegezm@uol.com.br

Happiness Factory does not seem to have positively influenced the happiness level of the participants. Possible antecedents and effects are examined and research limitations are discussed.

Keywords: Experiential marketing. Happiness. Consumption. Positioning.

1. Ecologia e meio ambiente multiplicados no cotidiano

Ecologia e meio ambiente, nas suas amplitudes conotativas, mostram-se onipresentes. Abandonam escaninhos socialmente compartimentados e disseminam-se entre esferas expressivas imagéticas e verbais. Tais expressões e suas aplicabilidades fazem imersões na unicidade\grupalidade e, concomitantemente, emergem das mesmas graças à ordem do necessário vigente refletidas em pautas cotidianas, seja em formatos midiáticos, seja conectando com as aparentes disparidades na tratativa desses tópicos.

Podemos, portanto, sentir e perceber que recortes ecológicos ambientais se entrelaçam com o cotidiano contemporâneo, aproximando-se do aqui e do agora em prol do amanhã e revelando suas tessituras complexas espelhadas em diversas frentes de ação.

Mais do que delimitações noticiosas ou ocorrências isoladas, dimensionam-se na generalidade vivencial estabelecendo o elo entre o local e global. Contudo, ainda há um certo ruído conceitual nessa esfera. Ecologia, termo criado em 1869, por Ernst Heinrich Haeckel, cuja etimologia grega define oikos como casa e logos como estudo, (DI PACE, BARTRONS, 2004), pode ser conceituada como a ciência que “[...] enfatiza mais o estudo das estruturas, das redes, dos equilíbrios e dos ciclos do que as causas e os efeitos diretos, estudados pela física e pela química.” (CALLENBACH, 2001, p. 58).

Com o intuito de compreender os seres vivos na sua totalidade, Ecologia parece versar sobre a magnitude ambiental, analisando “[...] todas as interações entre os seres vivos, incluídos os seres humanos, e seu ambiente” (CALLENBACH, 2001, p. 58). Já pelo ponto de vista filosófico e sociológico, é passível de ser descrita

como, “[...] o estudo das relações que interligam todos os moradores da Casa Terra” (CAPRA, 2003, p. 20).

De uma forma sintética, porém não menos enriquecedora, somos passíveis de considerar que Ecologia, representa a ciência da morada, enquanto que o Meio Ambiente configura-se na própria morada. Assim, podemos observar que a parte ambiental integra o todo ecológico. São percepção e conceituações complementares, mas não idênticas (KLOETZEL, 1998).

A partir desse discernimento e da sua apreensão, surge a mudança de atitude imposta ou tomada de consciência por adesão, apontadas como dicotomias entrelaçadas frente à a configuração mundial e seus signos em contato epitelial com a humanidade.

Afastada do modismo ou das tendências, cuja efemeridade sazonal reza a cartilha da fluidez, a semente da Ecologia e do Meio Ambiente brota em diversificados terrenos férteis, assume a dimensão de árvores frondosas e fornece frutos compatíveis com o sabor de tantos espectros de atuação. Do pomar da arte, extraímos os projetos do grupo *Cracking Art*, um movimento nato em 1993, com sede oficial em Milão, na Itália, que toma como princípio a dialogicidade² do natural e do artificial nas suas manifestações (*CRACKING ART*, 2019).

O grupo, cujos integrantes trabalham simultaneamente ou de forma independente, traz como proposta a quebra de paradigmas, o rompimento com padrões previamente estabelecidos e o desafio de tornar útil o aparente inutilizável, em consonância com a sua identidade nominal (*CRACKING ART*, 2019).

O som provocativo que emana de suas produções busca despertar para a dicotomia da naturalidade e da artificialidade interligadas na globalidade presenteísta. Procura, assim, através do processamento do plástico reciclado, moldar animais que migram entre diversos países portando a importância da reutilização na minimização dos impactos ambientais através de intervenções ou

² De acordo com o Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, [...] sob as formas mais diversas, a dialógica entre a ordem, a desordem e a organização, através de inúmeras inter-retroações, está constantemente em ação nos mundos físico, biológico e humano. A dialógica permite assumir racionalmente a associação de noções contraditórias, para conceber um mesmo fenômeno Complexo. (MORIN, 1999, p. 34).

invasões urbanas incapazes de passarem despercebidas, buscando estabelecer o elo ser humano\nnatureza via da criatividade (*CRACKING ART*, 2019).

Em junho de 2019, *Cracking Art* escolhe o sul da Itália para mais uma das suas aparições impactantes. Com *Battito Animale*³ ou Animal Beat, o grupo e seus 61 animais coloridos, feitos de material reciclado, especialmente de plástico, tomam conta do centro de Cosenza, capital da província homônima, na região da Calábria.

A cidade e sua região metropolitana, com cerca de 270 mil habitantes, é referência no desenvolvimento econômico regional e reconhecida pelo incentivo à cultura e à educação graças à forte veia de pesquisa implantado junto à Università della Calabria.

Assim como as tradicionais cidades italianas, preserva a sua parte histórica sem deixar de promover o desenvolvimento urbano com aspectos arquitetônicos contemporâneos, em que as áreas abertas servem de espaços sociais interativos, geralmente, povoados de representações artísticas e culturais. O pensar além de Cosenza abre as portas para as mentes abertas da arte portadora de mensagens que incidem na formação social.

Portanto, o casamento entre a cidade e *Cracking Art* se dá harmonicamente. Os animais que compõem a mostra *Battito Animale* podem ser apontados como canais de Comunicação (MORIN, 2001) da mensagem ecológica e ambiental com recepção social, contribuindo para a formação Cultural (BARTHES, 1987) e a construção do Conhecimento no mencionado espectro (MORIN, 1998).

Logo, ratificando e objetivando compreender de que forma a mostra de *Cracking Art*, em Cosenza, é passível de suportar a tessitura Cultural (BARTHES, 1987) e o alicerçar do Conhecimento (MORIN, 1998) ecológico e ambiental através da análise de dois posts feitos no *Instagram Cracking Art* (@crackingart), utilizaremos a categoria Comunicação, por Morin (2001), e as subcategorias Cor, por Farina

³ Considerada uma intervenção urbana ou intervenção urbana, *Battito Animale* é uma instalação artística protagonizada pelo grupo *Cracking Art*, em que 61 animais feitos de material reciclado, especialmente, de plástico, encontram-se distribuídos em pontos estratégicos do centro da cidade de Cosenza, na Calábria, com o objetivo de promover a integração entre os moradores e visitantes com as obras de arte, vislumbrando disseminar a mensagem ecológica e ambiental por meio imagético artístico (*CRACKING ART*, 2019)

(1990), *Studium e Punctum*, por Barthes (1984). Em seguida, trazemos as categorias Cultura, por Barthes (1987) e Conhecimento, por Morin (1998).

Como base analítica utilizaremos a Semiologia, de Barthes (1999) que, através do Princípio de Pertinência, autoriza o pesquisador a delimitar o corpus a ser estudado, em sintonia com a Pesquisa Qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002, p. 21), que objetiva discernir e não quantificar.

2. O complexus teórico

Com o propósito de compreender de que forma a intervenção ou invasão urbana promovida por *Cracking Art*, na cidade de Cosenza, a partir da análise semiológica de dois posts da mostra *Battito Animale*, podem auxiliar tessitura Cultural (BARTHES, 1987) e na produção do Conhecimento (MORIN, 1998) ecológico e ambiental junto ao social, trazemos a Comunicação, através do ponto de vista moriniano (2001).

Multifacetada e de aplicabilidade ampla, abrangendo o universo verbal e não-verbal, a Comunicação, através do seu berço lingüístico latino, indica “[...] estar encarregado de [...]”, via raiz munis que, junto do prefixo co, manifestando “[...] atividade realizada conjuntamente [...]” e da terminação tio que, ratificam a ideia de atividade, formando o Communicatio (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 12).

Podendo, também, surgir da sua decomposição em ‘comum’ e ‘ação’ que, em adição, buscam conceber “[...] ação em comum [...]” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 14), a Comunicação vislumbra o compartilhamento e estabelecimento de relação entre consciências.

Ao versar sobre Comunicação, Morin (2001) propõe a ideia da passagem de informação de uma pessoa para outra, de uma pessoa para um grupo e de um grupo para um grupo. A partir de então, procura associar Comunicação (MORIN, 2001) com compreensão informacional, capaz de ser revertida em apropriação Cultural (BARTHES, 1987) e em construção do Conhecimento (MORIN, 2001).

No estudo em questão, a comunicação (MORIN, 2001), como representação imagética, procura auxiliar na produção do Conhecimento processual (MORIN, 1998)

e Cultural (BARTHES, 1987), através da mostra *Battito Animale*, do grupo *Cracking Art*, em Cosenza, buscando transmitir uma mensagem ecológica e ambiental. Com a delimitação no espectro da Comunicação não verbal, trazemos a Cor como “[...] uma realidade sensorial à qual não podemos fugir. Além de atuarem sobre a emotividade humana, as cores produzem uma sensação de movimento, uma dinâmica envolvente e compulsiva.” (FARINA, 1990, p. 101).

Em sua pluralidade expressiva, a Cor pode estar vinculada ao olhar particular e/ou grupal, refletindo as percepções contextuais de uma sociedade na decodificação de uma mensagem. Eis o esboço do textual pelo contextual (FARINA, 1990). Portanto, uma Cor, utilizada com o objetivo de atingir determinado fim, pode despertar inúmeras sensações. Assim, Farina (1990, p. 106) coloca que “[...] as reações corporais dos indivíduos à cor, embora não bem-definidas cientificamente, têm sido largamente usadas tanto no âmbito da Educação quanto no campo terapêutico”.

Por influenciar as práticas humanas, a Cor (FARINA, 1990) é um dos pilares dos trabalhos comunicacionais sendo, a própria, uma forma de comunicação (MORIN, 2001a) com riqueza infinita no escaninho conotativo.

Para *Cracking Art*, a Cor (FARINA, 1990) é elemento fundamental, juntamente com a seleção dos materiais para a legitimação da arte. Através das manifestações cromáticas, o grupo busca despertar sensações, promover aproximação e interação, mas, principalmente, dar vazão à mensagem proposta em cada invasão urbana guiada por eles guiada.

Com o propósito de compreender o corpus imagético, configurado em dois posts publicados no *Instagram Cracking Group*, colocamos sob os holofotes as subcategorias *Studium* e *Punctum*, de Barthes (1984). O *Studium* revela o caráter denotativo da Fotografia, o olhar do fotógrafo e seu interesse diante da reprodução de uma determinada imagem. Dessa forma:

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. O *studium* é uma espécie de educação (saber e polidez) que me permite encontrar o *Operator*, viver os intentos

que fundam e animam suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de Spectator. (BARTHES, 1984, p. 48, grifo do autor).

Já o Punctum faz alusão ao conotativo de uma imagem, capaz de ganhar diversidade interpretativa de acordo com o contexto de análise e do estoque de Conhecimento particular\coletivo. Assim, as lentes barthesianas vêem o Punctum:

Nesse espaço habitualmente unário, às vezes (mas, infelizmente, com raridade) um ‘detalhe’ me atrai. Sinto que basta sua presença para mudar minha leitura, que se trata de uma nova foto que eu olho, marcada a meus olhos por um valor superior. Esse ‘detalhe’ é o punctum (o que me punge) (BARTHES, 1984, p. 68, grifo, grifo do autor).

O destaque do Studium e do Punctum (BARTHES, 1984) como subcategorias Comunicacionais (MORIN, 2001) em diálogo com a Cor (FARINA, 1990) mostra-se relevante a fim de compreender, através do imagético, como a mostra *Battito Animale*, analisada através de dois posts publicados no *Instagram Cracking Art*, pode auxiliar na disseminação da mensagem ecológica e ambiental via não verbal, colaborando para a formação Cultural (BARTHES, 1987) e processual do conhecimento (MORIN, 1998) em prol da conexão ser humano\natureza.

Na sequência apresentamos a categoria Cultura que, para Barthes (1978), permite indicar o conjunto de leituras e conversas, ou seja, o Intertexto, que se manifesta num sistema geral de símbolos. Para Barthes (1987, p. 87), “[...] tudo é Cultura, do vestuário ao livro, da alimentação à imagem, e a Cultura está em toda a parte, de uma ponta à outra das escalas sociais. Esta Cultura, decididamente, é um objeto bem paradoxal: sem contornos, sem termo oposicional, sem resto”.

De acordo com o olhar barthesiano (1987), podemos apontar que a mensagem imagética de *Cracking Art* é uma forma de manifestação Cultural artística, promotora de interação social, de construção do Conhecimento (MORIN, 1998) e de porta voz dos princípios ecológicos e ambientais.

Numa escala, na qual uma categoria serve de degrau e complementação para a outra, encontramos o Conhecimento que, de acordo com o Princípio da

Reintrodução⁴, parte do todo do Paradigma da Complexidade moriniano (1999), configura-se numa construção processual e constante através da tradução de signos imagéticos e verbais. Os braços do Conhecimento entrelaçam-se com os da Cultura. A intimidade entre tais percepções permite-nos considerar que “A Cultura gera os Conhecimentos que regeneram a Cultura.” (MORIN, 1998, p. 26).

Em consonância com o acima descrito, o Conhecimento (MORIN, 1998) pode ser observado, especialmente, como um caminho amplo, aberto e multidirecionado na trajetória rumo aos novos pensamentos, assim como incentiva *Cracking Art* através das suas intervenções ou invasões urbanas em favor da consciência ecológica e ambiental.

Associado com a fundamentação teórica, trazemos a Semiologia barthesiana (1999) no alicerce analítico, em tessitura conjunta com a Pesquisa Qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002). A Semiologia permeia diferentes áreas do Conhecimento, revelando a onipresença da ciência dos signos. Dessa forma, qualquer sistema de signos, sem distinção, serve de objeto para a pesquisa semiológica sendo capaz de promover a interdisciplinaridade via translinguístico (BARTHES, 1999)

A semiologia é talvez, chamada a absorver-se numa translinguística, cuja matéria será ora o mito, a narrativa, o artigo de imprensa, ora os objetos de nossa civilização, tanto quanto sejam falados (por meio da imprensa, do prospecto, da entrevista, da conversa e talvez mesmo da linguagem interior, de ordem fantasmática). (BARTHES, 1999, p. 13). Esse autor vê a Semiologia como uma ciência contextualizada, que apresenta relação com o saber e a escritura, nos quais os conceitos oriundos da linguística são explorados além da visão signo-linguagem, articuladas. Assim, ele vislumbra que, para a semiologia:

[...] seus objetos de predileção são por textos do Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos, as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com a incerteza da verdade. Chamaria de bom grado ‘semiologia’ o curso das operações ao longo do qual é possível – quiçá almejado – usar o signo como um véu pintado, ou ainda uma ficção (BARTHES, 1997, p. 40-41).

⁴ Princípio da Reintrodução daquele que conhece em todo o Conhecimento: esse princípio opera a restauração do sujeito e ilumina a problemática cognitiva central: da percepção à teoria científica, todo Conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/cérebro numa certa Cultura e num determinado tempo. (MORIN, 1999, p. 32).

A pesquisa semiológica vê-se envolvida pela responsabilidade humana, histórica, filosófica e política, objetivando “[...] reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua, segundo o próprio projeto de qualquer atividade estruturalista, que é construir um simulacro dos objetos observados” (BARTHES, 1999, p. 103). Falar sobre esse tipo de pesquisa é delimitar o objeto de estudo. Para tal, a Semiologia buscou, na linguística, o Princípio de Pertinência pelo qual “[...] decide-se o pesquisador a descrever os fatos reunidos a partir de um só ponto de vista e, por conseguinte, a reter a massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessam a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros (esses traços são chamados pertinentes)” (BARTHES, 1999, p. 103).

Portanto, a pesquisa semiológica, via princípio de pertinência, manifesta a sua prática junto ao sentido do qual é dotado o objeto, selecionado para o estudo, sem ignorar, no entanto, as outras representatividades do mesmo em outras áreas do Conhecimento (MORIN, 1998).

O princípio de pertinência coloca o pesquisador diante da situação de imanência, já que o sistema em análise é observado do seu interior. Como as limitações da estrutura a ser analisada não são, anteriormente, vislumbradas pelo analista, a imanência deverá contar com um conjunto de fatos, parte do todo, do sistema em questão, selecionado, previamente, pelo pesquisador. A parte selecionada do todo, para a análise, é o corpus, ou seja, “[...] uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual vai trabalhar.” (BARTHES, 1999, p. 104). O corpus exige do pesquisador uma visão do objeto, através da qual as possibilidades de análise encerram-se em si mesmas.

Esses pressupostos são relevantes, mas não fixos, já que “[...] o objetivo talvez essencial da pesquisa semiológica (isto é, aquilo que será encontrado em último lugar) é precisamente descobrir o tempo próprio dos sistemas, a história das formas” (BARTHES, 1999, p. 106).

Em diálogo com a semiologia barthesiana (1999), propomos a Pesquisa Qualitativa que, para Bauer e Gaskell (2002), evita números, lida com interpretações das realidades sociais. Tal categorização tem conseguido provar que não só por meio de dados estatísticos e planejados obtemos resultados significativos.

Numa retomada, referente ao prisma de opção, formador desse estudo, adotamos a manifestação qualitativa, através da Pesquisa semiológica (BARTHES, 1999) que, via Princípio de Pertinência, garante a autonomia do pesquisador, diante do delimitado, compondo, então, o corpus.

Assim, da fundamentação teórica, conectada com a Semiologia barthesiana (1999) e com a pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002), buscamos compreender de que forma a mostra artística *Battito Animale*, assinada por *Cracking Art*, em Cosenza, é capaz de auxiliar na enriquecimento Cultural (BARTHES, 1987) e na construção processual do Conhecimento (MORIN, 1998) ecológico e ambiental.

Para tal e de acordo com o princípio de pertinência, delimitamos o corpus analítico em dois posts publicados no *Instagram Cracking Art*, evidenciando as partes como reveladoras do todo e vice-versa, conforme o Princípio Hologramático⁵, conjecturado no Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin (1999).

3. Ecologia e Meio Ambiente na Arte de Quebrar Barreiras

A fim de compreender como a Comunicação (MORIN, 2001), através do imagético artístico, é capaz de contribuir para a Cultura (BARTHES, 1987) e para o Conhecimento (MORIN, 1998) social acerca dos fios que se entrelaçam na complexa aplicabilidade palpável nos horizontes da Ecologia e do Meio Ambiente, buscamos analisar as mensagens não verbais propostas pela *Cracking Art*, através da intervenção urbana *Battito Animale*, em exibição na cidade de Cosenza, no sul da Itália entre junho e setembro de 2019.

Como parte refletora do todo expositivo, delimitamos como corpus dois posts sobre a mostra, disponibilizados no *Instagram Cracking Art*. O primeiro deles, publicado em 19 de junho de 2019, anuncia o início de *Battito Animale*, em Cosenza, apontando como uma invasão urbana, um festival de surpresas e de interações na

⁵ Princípio Hologramático (inspirado no holograma, no qual cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto representado): coloca em evidência, o aparente paradoxo dos sistemas Complexos, onde não somente a parte está no todo, mas o todo se inscreve na parte. Cada célula é parte do todo – organismo global –, mas o próprio todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual; a sociedade, como todo, aparece em cada indivíduo, através da linguagem, da Cultura, das normas. (MORIN, 1999, p. 32).

área central da cidade, promovendo a experimentação e o contato com uma forma de arte cuja riqueza conceitual implícita ganha vazão através de cada um dos 61 animais dispostos inusitadamente.

As sensações cromáticas e táteis, somadas com a ideia central da mostra, conduzem e convidam à reflexão sobre como podemos gerenciar os descartes diários, especialmente, o plástico, fazendo soar alto a voz da a reciclagem e da consciência ambiental imediata.

A mensagem parece assumir formato piramidal. No cume, a arte. Na sustentação, os valores ligados à Ecologia e ao Meio Ambiente, ao Planeta revisitado imediatamente, à responsabilidade do Eu\Outro\Nós no agora.



Imagem 1: *Battito Animale* povoa o centro de Cosenza
Fonte: *Instagram @crackingart*

Num olhar inicial podemos identificar a identidade de *Cracking Art* através de seus animais ancorados em pontos inesperados. Os suricatos, em duplas ou individuais, povoam uma das fontes localizadas na área mais central de Cosenza,

conhecida por reunir os visitantes, habitantes e por ser referência na vida social da cidade, já que é circundada por prédios e por restaurantes.

Entre os 12 animais que fazem parte da fauna *Cracking Art*, em diversos tamanhos e com suas referidas conotatividades ligadas ao todo ecológico e ambiental global, são elencados o elefante, a rã, o lobo, o pinguim, o pássaro, o golfinho, a tartaruga, o urso, o coelho, a lesma, o crocodilo e, aqui, demonstrado, o suricato e um conjunto deles.

Conhecido por sua capacidade de integração grupal, de Comunicação e de adaptação, simboliza o senso colaborativo, espelhando a alma de *Cracking Art* cuja formação coletiva é promotora dos ideais ambientais e ecológicos por meio da arte (*CRACKING ART*, 2019). Portanto, via imagético, somos capazes de perceber a manifestação da Comunicação (MORIN, 2001) através da seleção artística, portadora da mensagem ambiental.

Apesar da capacidade de sobrevivência em ambientes hostis, os suricatos foram acondicionados junto da água, essencial para a manutenção dos seres vivos em geral. E é exatamente a água que recebe cargas assustadoras de rejeitos, seja por meio de embarcações, seja através da falta de saneamento básico, seja através de cada pessoa que, na ausência de um pensar coletivo, faz o descarte em vias fluviais. Não por acaso, mares, lagos e rios transbordam em garrafas plásticas, causadores de desequilíbrio ambiental e da gradual extinção de tantas espécies. Também, não por acaso, *Cracking Art* utiliza, principalmente, plástico na composição dos seus animais\arte.

Eis aí, por meio da Comunicação (MORIN, 2001) imagética, a transmissão da mensagem ambiental e ecológica capaz de ser revertida na Cultura (BARTHES, 1987) da consciência e na construção do Conhecimento (MORIN, 1999) passível de ser revertido em ação visível em favor da natureza.

Como recorte comunicar representativo, em associação ao Punctum (BARTHES, 1994) trazemos o cromático explícito através dos suricatos que, em branco e azul consonantes, podem significar limpeza e transparência, bem como fazer alusão à água, vizinha à espécie alojada junto de uma fonte no centro de Cosenza.

Numa amplitude analítica, principalmente, o branco, pode aludir à clareza conceitual do proposto por *Cracking Art* ao transmitir a mensagem ambiental e ecológica através da sua arte, de mão dadas coma intenção de conscientizar a população com relação à necessidade de se apropriar do seu espaço, garantindo a sua natural subsistência.

Em pares ou individualmente distribuídos ao longo da fonte, os suricatos, ainda, podem estabelecer relação com as atividades de *Cracking Art*, desenvolvidas em grupo ou na unicidade, bem como despertar a atenção de que o Eu e o Outro, em práticas individuais ou coletivas, acabam por refletir o Nós global. Portanto, sejam passos singulares ou plurais em defesa dos recursos naturais e na incorporação da reciclagem como caminho para minimizar os impactos ambientais, somos capazes de, gradativamente, promover uma mudança Cultural (BARTHES, 1987) no âmbito ecológico e ambiental, entrelaçada com a solidificação do Conhecimento (MORIN, 1998) nesse escaninho.

Quando partimos para a análise do segundo post sobre *Battito Animale* no *Instagram Cracking Art*, a Comunicação (MORIN, 2001) verbal anuncia a tessitura entre a proposta *Cracking Art* e a infância, bem como ratifica o imagético. Ainda, porta esses dois universos, propondo um diálogo com Miró quando na sua capacidade de transpor elementos simples do real ao fantasioso, assim como explicita o universo infantil.

Cracking Art desafia, ousa e compartilha a fantasia por meio das suas invasões urbanas, promovendo a interação natureza\ser humano através de seus animais portadores da mensagem ecologicamente correta e ambientalmente gerenciável, no intuito de mobilizar, inquietar, promover mudanças Culturais (BARTHES, 1987) substanciosas a partir do repensar e do reformular o Conhecimento (MORIN, 1998).



Imagem 2: Protection

Fonte: *Instagram @crackingart*

Em paridade com o verbal expressa-se o imagético por meio do Studium, do Punctum (BARTHES, 1984) e da Cor (FARINA, 1990). No post publicado em 23 de junho de 2019 é possível identificar crianças interagindo com um dos animais da mostra apontada como invasão urbana. É a apropriação da arte com cunho ecológico e ambiental pelos responsáveis pela continuidade da vida. É o incentivo à Cultura (BARTHES, 1987) ligada à natureza e à origem das espécies vivas. É a mobilidade do Conhecimento (MORIN, 1998) em favor do senso coletivo.

Como elemento central da imagem identificamos o elefante, um dos animais do ecossistema *Cracking Art*, que busca conotar a universalidade, a memória e a força (CRACKING ART, 2019).

O grupo artístico traz esse animal como símbolo de promoção de consciência coletiva passível de ser imbricada com a apropriação e a construção de um Conhecimento (MORIN, 1998) ecológico e ambiental capaz de solidificar um a Cultura (BARTHES, 1987) ciente de que a preservação dos sistemas vivos é fórmula única viável para a perpetuação da vida, que os métodos de reciclagem, sejam mentais ou físicos, são acessos palpáveis para o hoje e para o amanhã conectando

o local e o global através de um objetivo comum, sem a perda das preciosas características identitárias.

No espectro da Cor (FARINA, 1990), O azul, passível de revelar a harmonia e a serenidade, descortina o ideal *Cracking Art* que, através das suas invasões urbanas, procura demonstrar e aproximar do cotidiano ações ambientalmente e ecologicamente corretas voltadas para o incentivo ao equilíbrio planetário.

O objeto artístico em sintonia com as crianças, de acordo com o retrato imagético, pode despertar a sensação de que a reciclagem de pensamentos e de ações gera Conhecimento (MORIN, 1998) consciente entrelaçando-se com a consolidação de uma Cultura (BARTHES, 1987) que, definitivamente, religa as espécies em função da manutenção e perpetuação do ciclo vital.

Assim, *Cracking Art*, através de *Battito Animale*, chama a atenção para o momento, para o atual. Comunica (MORIN, 2001), promove Conhecimento (MORIN, 1998) e reformulação Cultural (BARTHES, 1987) com alicerces na arte e no imagético. Faz do descarte a sua matéria e expressa em bom tom que as mudanças são possíveis, palpáveis e necessárias em nome do individual, do coletivo, das partes, do todo, do Planeta Terra.

4. Considerações finais

Reutilizar o estoque de Conhecimento (MORIN, 1998) particularizado\grupar agregando valores ecológicos e ambientais, reduzir as distâncias entre o ser humano e a natureza por meio de atitudes de entrelaçam o local e global e reciclar a construção da Cultura (BARTHES, 1987) e o conhecer (MORIN, 1998) sobre Ecologia e Meio Ambiente numa aproximação ao aqui e ao agora são princípios norteadores de *Cracking Art*, visíveis através de *Battito Animale*.

A análise imagética de duas postagens do grupo fazendo alusão à parte do todo da invasão ou intervenção urbana disposta em Cosenza, na Calábria, são exemplos de que os preceitos ecológicos e ambientais são plausíveis no cotidiano contemporâneo.

Através da arte, *Cracking Art* e seu *Battito Animale*, promove a Comunicação (MORIN, 2001), via linguagem não verbal, consolidando a unificação entre cada

espécie viva com seu contexto. A mensagem, exposta na versão de uma invasão ou intervenção urbana, pode ser considerada uma amostragem dos requerimentos do hoje quando se trata de refletir sobre o agir no hoje espelhando o amanhã. E tal perspectiva é capaz de ser identificada através das postagem no Instagram, quando o verbal ratifica o imagético.

Portanto, somos passíveis de identificar a Comunicação (MORIN, 2001), que ganha força com o translinguístico conotativo e denotativo do Studium e do Punctum (BARTHES, 1984), respectivamente, em consonância com a Cor (FARINA, 1990). Conforme sinalizam as duas postagens no *Instagram Cracking Art*, o azul e o branco buscam traduzir, fundamentalmente, harmonia, serenidade, limpeza e transparência, que tecem relação íntima com os propósitos ecológicos e ambientais promovidos pelas expressões artísticas do grupo de Milão, em particular, pela ótica de *Battito Animale*.

Logo, seja por meio dos recortes identificados no *Instagram Cracking Art* mas, principalmente, através da realidade artística implantada na área central de Cosenza, podemos identificar que tal representatividade é habilitada a contribuir para a formação cultural (BARTHES, 1987) e para a construção processual do Conhecimento (MORIN, 2001) em que as disparidades são abandonadas em favor de um pensar coletivo e de um real repensar a existência na complexidade planetária.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Aula*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *Elementos da semiologia*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *O rumor da língua*. Lisboa: Ed. 70, 1987.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Qualitative researching with text, image and sound: a Pratical Handbook*. In: GUARESCHI, Pedrinho A. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-61.

CALLEMBACH, Ernest. *Ecologia: um guia de bolso*. São Paulo: Petrópolis, 2001.

CAPRA, Fritjof. *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CRACKING ART. *Il Gruppo* [S.l., 2019]. Disponível em: <<http://www.crackingart.com>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CRACKING ART. *Battito Animale*. Cosenza, 19 jun. 2019. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/crackingart/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CRACKING ART. Protection #crackingart. Cosenza, 23 jun. 2019. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/crackingart/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

DI PACE, Maria; BARTRONS, Haoracio Caride. *Ecologia de la ciudad*. Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2004.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 4. ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1990.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luis C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

KLOETZEL, Kurt. *O que é meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MORIN, Edgar. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *Da necessidade de um pensamento complexo*. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999. p. 38-83.

_____. *Diário da China*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *O método 4: as ideias – hábitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 1998.